
ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

DOSSIÊ: A DEMOCRACIA ANTIGA REVISITADA

Introdução

Introduction

Gabriele Cornelli ⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-8614-9134>

cornelli@unb.br

Eduardo Wolf ⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-6655-6537>

eduardo.wolf@unb.br

ⁱ Universidade de Brasília – Brasília – DF – Brasil

ⁱⁱ Universidade de Brasília – Brasília – DF – Brasil

O dossiê *A Democracia Antiga Revisitada*, que a revista *Archai* ora apresenta, resulta diretamente do XIX *Seminário Internacional Archai* dedicado a este tema e realizado na Universidade de Brasília entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022. Vale evocar as singulares condições em que se deu a realização deste encontro, e começar por afirmar que por primeira vez era possível reunir presencialmente o rico leque de pesquisadores, colaboradores, colegas e parceiros de

trabalho da *Cátedra Unesco Archai sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, além de muitos alunos de todos os níveis – o que não será pouca coisa. Em um encontro híbrido, na saída de dois anos consecutivos de uma pandemia global que, particularmente no Brasil – mas de modo algum exclusivamente – transcorreu no interior de um quadro de uma radicalização da crise da democracia contemporânea, o tema da democracia mais que se insinuou: de fato, impôs-se como que a convocar as reflexões aqui apresentadas.

Do mesmo modo como circunstâncias históricas e políticas chamaram-nos à reflexão sobre a democracia antiga em chave comparativa com a experiência moderna e contemporânea, igualmente a natureza da investigação acerca desse objeto exigia um esforço que congregasse pesquisadores de variados perfis, com formações, trajetórias e interesses acadêmicos e intelectuais diversos, que dessem conta da multiplicidade de perspectivas necessárias para que se pudesse falar de democracia *a valer*. De estudiosos da tragédia e da comédia a pesquisadores do estoicismo; de platonistas e aristotélicos aos estudos de gênero; filósofos, filólogos, literatos e historiadores; muitas foram as forças que se somaram para a realização daquele evento. Uma parcela expressiva daquela produção encontra-se aqui representada neste dossiê.

Agatha Pitombo Bacelar, Fernanda Israel Pio e Letícia Leite percorrem, no artigo “A democracia antiga revisitada pelos estudos de gênero: o sequestro das cidadãs na historiografia da Atenas clássica”, os caminhos dos estudos de gênero em perspectiva decolonial para oferecer uma nova compreensão da cidadania ateniense. Seus importantes resultados atestam “o fato de que a cidadania grega antiga não se fundamenta na e pela exclusão sistemática das mulheres de todo e qualquer contexto, ainda que elas sejam excluídas da participação em cargos deliberativos e judiciais, isto é, das esferas institucionais de tomada de decisão. Mulheres livres cidadãs são explicitamente mencionadas e representadas nos vestígios das sociedades helênicas antigas que chegaram até nós”, o que acarreta importantes consequências para as práticas dos Estudos Clássicos em nossos dias e para o modo como nos relacionamos com o passado grego.

Cristina Agostini explora o que chama de “semântica do bem comum” no artigo “Censura e Liberdade de Expressão em duas cenas de *Acarnenses* de Aristófanes”, em que examina a dinâmica democrática, por meio de um contraste entre duas cenas da peça (a entrada de Anfíteo e o discurso dos embaixadores) com destaque para um de seus instrumentos de excelência, a assembleia, com vistas a assinalar a oposição entre a liberdade concedida ao discurso “personalista” que promoverá a ruína do *demos* – a Guerra da Peloponeso –, de um lado, e a censura às pautas que efetivamente se orientariam pelo bem comum – o discurso pacifista, mostrando que “a sátira à democracia, em Aristófanes, faz rir e adquire tom paidêutico porque a ela subjaz a conquista do bem comum pelo herói”.

Gabriele Cornelli, no artigo “Why Plato could not simply embrace Democracy? Misology and Democracy in Plato’s Thought” retorna ao clássico tema da relação problemática do pensamento de Platão acerca da democracia. Para muito além da questão sempre presente da trágica morte de Sócrates e das interpretações que procuraram “salvar Platão de si mesmo” (em especial após a influência do ensaio de Karl Popper), Cornelli dedica-se às nuances da posição platônica como uma leitura de um autor do século IV, permeável portanto às mudanças da própria condição do discurso acerca da democracia relativamente ao fenômeno no século V, examinando o efeito, para a filosofia de Platão, de uma dupla chave: de um lado, a preocupação com a origem da instabilidade da ordem política e, de outro, aquilo que Sócrates chama *misologia*, o ódio aos discursos. O autor sublinha a importância, para sua análise, de uma compreensão da democracia em toda sua mutabilidade, e não como um “objeto ontológico” estável – uma compreensão que certamente não escaparia ao próprio Platão.

“Política e persuasão em Platão: Algumas considerações preliminares” assinado por Pedro Maurício Garcia Dotto, conduz o leitor pelos caminhos de três célebres diálogos platônicos — o *Górgias*, o *Banquete* e o *Fedro* — para indagar a respeito dos motivos do fracasso da persuasão socrática. Quer se trate da “tragédia da

filosofia”, como a chama Klosko, no Górgias; quer ainda se trate das complexas razões para o insucesso persuasivo de Sócrates nos demais diálogos, quer pela retórica transformada que o leitor encontrará no Fedro, pronta para servir a filosofia, a reflexão platônica acerca desses temas explicita os impasses de um delicado e sutil mecanismo que o regime democrático, se não engendrou, por certo manteve em constante atividade: o mecanismo do da sociedade da palavra, do convencimento e da persuasão, que a filosofia perscruta de modos diversos.

O artigo de Doulgas Cairns, “Húbris, Antiga e Moderna”, mobiliza a reflexão contemporânea acerca do que ficou conhecido com o nome de “síndrome da húbris”, e que tem sido estudada tanto nos campos da psicologia quanto dos estudos corporativos, para refletir, em chave comparatista, acerca das relações dos sentidos moderno e antigo de *hybris*. Partindo de um “modelo operativo para a interpretação da húbris antiga ou moderna” como aquele do “roteiro, uma narrativa prototípica” (do mesmo modo como se dá com as emoções, antigas e modernas), o autor percorre passagens centrais da *Retórica* e da *Política* aristotélicas, sem descurar de outras fontes clássicas, para a compreensão da húbris particularmente em relação às noções de *axia* (frequentemente, mas nem sempre corretamente, tomada por equivalente a “mérito”), de *pleonexia* e de *virtude*, tecendo um quadro vivo dos contrastes entre democracia e oligarquia, por exemplo, e extraindo importantes lições para uma reflexão contemporânea sobre a chamada “ideologia meritocrática” e outras questões de monta para a democracia atual.

No artigo “‘O legislador não faz nada em vão’: uma nota sobre *Pol. IV.1*”, Victor Gonçalves de Sousa sustenta que Aristóteles está comprometido com a tese segundo a qual é a *eudaimonia* que dá a medida normativa a instituição e a reforma dos regimes que estão aquém do melhor regime, como também é aquilo que é visado pela instituição e pela reforma destes regimes”, uma vez que a realização da *eudaimonia* em maior grau é precisamente aquilo que define o melhor regime. Deste modo, segundo o autor, mesmo no caso dos regimes desviados, como é o caso da democracia, é a *eudaimonia* que

está no horizonte das reformas que visam ao seu aprimoramento. Para desenvolver essa análise, o artigo defende uma interpretação da proposta metodológica de Aristóteles na abertura do capítulo IV da *Política* em consonância com sua aplicação tanto nas técnicas e na ética quanto nas ciências naturais dependente de um e um único fim, ainda que realizado com diferentes graus de sucesso – precisamente como se daria com os regimes desviados e fim da ciência política: “a máxima promoção da *eudaimonia*”.

Daniel Simão Nascimento, no artigo “From rights to revolutions: on the rise of oligarchies and democracies in Aristotle’s political thought”, examina certa narrativa acerca da comunidade política tal como exposta por Aristóteles em três passagens distintas – nos livros III, IV e VI do tratado da *Política*, na qual o leitor encontra a conhecida doutrina acerca da predominância original da monarquia em tempos mais remotos, contrastada pela forte presença da democracia no tempo do próprio Aristóteles. Nascimento investiga não apenas a teoria aristotélica das revoluções como, em particular, oferece uma interpretação original para *Pol.*, IV 10, 1297b16-28 e VI 4, 1321a5-16 buscando mostrar não apenas sua compatibilidade e complementaridade, destacando que ambas identificam o surgimento da oligarquia como uma etapa anterior e necessária à democracia, mas sem que para isso seja oferecida uma explicação. O caminho para iluminar essa dificuldade é, na visão do autor, aquilo que Aristóteles tem a dizer acerca da “*oikonomia*, do surgimento do dinheiro, do comércio e das mudanças sociais que isso ocasionou”.

Eduardo Wolf revisita a *Política* aristotélica com vistas a uma reavaliação do conceito de democracia. Recusando um certo caminho tradicional, que enfatiza a definição aristotélica em termos do governo da maioria pobre em benefício próprio, o artigo “Sobre *ἐλευθερία*, τὸ ζῆν ὡς βούλεται τις e *virtude* na teoria aristotélica da *demokratia*” sustenta uma tese alternativa: é o conceito de liberdade que opera como fundamento da noção aristotélica de *demokratia*, e é a partir dele que se organizam tanto as demais notas carterísticas da constituição democrática para Aristóteles quanto as críticas do Estagirita a este regime político.

Aldo Dinucci, Kelli Rudolph, Kai Whiting e Marcos Balieiro, no artigo “Imigrantes e Dissidentes: Estoicismo e Ação Política Radical em Roma”, exploram as consequências políticas e filosóficas de certas condições específicas dos estoicos, em particular o fato de que de sua “posição social, ideológica e periférica”. É em vista dela que muitas vezes se permitiu sublinhar a dimensão de “outsiders, inclusive minorias, personagens marginais em seus próprios mundos”, o que pode se conectar a determinados elementos de sua filosofia (não só política), como “a participação cósmica, a reaproximação com a Natureza e o cosmopolitismo, ideias absolutamente centrais para o Pórtico”.

Como organizadores do *XIX Seminário Internacional Archai* e deste dossiê, dedicado ao premente tema da democracia antiga e de algumas de suas conexões com importantes aspectos da vida democrática contemporânea, gostaríamos de agradecer a todos os que se engajaram nessa empreitada. Particularmente, agradecemos aos autores dos artigos aqui apresentados, que, a nosso ver, franqueiam aos leitores de todos os perfis intelectuais e acadêmicos o acesso a um debate amplo, aberto, plural e livre, tal como requer a própria natureza do objeto de nossas preocupações filosóficas.

AGOSTINI, C. S. 2024. Censura e liberdade de expressão em duas cenas de Acarnenses, de Aristófanes. Archai 34, e03428.

BACELAR, A. P.; PIO, F.; LEITE, L. (2024) A democracia antiga revisitada pelos estudos de gênero: o sequestro das cidadãs na historiografia da Atenas clássica. Archai 34, e03427.

CAIRNS, D. (2024). Húbris, antiga e moderna. Archai 34, e03431.

CORNELLI, G. (2024). Why Plato could not simply embrace Democracy? Misology and Democracy in Plato’s Thought. Archai 34, e03429.

DINUCCI, A. et al. (2024). Imigrantes e Dissidentes: Estoicismo e ação política radical em Roma. Archai 34, e03430.

DOTTO, P. M. G. (2024). “Política e persuasão em Platão: Algumas considerações preliminares. Archai 34, e03435.

GONÇALVES, V. G. (2024). “O legislador não faz nada em vão”: uma nota sobre

Pol. IV.1. Archai 34, e03432.

NASCIMENTO, D. (2024). From Rights to Revolutions: on the rise of oligarchies and democracies in Aristotle’s political thought. Archai 34, e03433.

WOLF, E. (2024). Sobre ἐλευθερία, τὸ ζῆν ὡς βούλεται τις e virtude na teoria aristotélica da demokratia. Archai 34, e03434.



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.